

“BRACHILENOS” E OUTROS CASOS: A IMIGRAÇÃO BRASILEIRA A SANTIAGO (CHILE) POR RAZÕES DE AFETIVIDADE

*“BRACHILENOS” AND OTHER CASES: THE BRAZILIAN IMMIGRATION TO
SANTIAGO (CHILE) FOR AFFECTIVE REASONS*

*“BRACHILENOS” Y OTROS CASOS: LA INMIGRACIÓN BRASILEÑA A
SANTIAGO (CHILE) POR RAZONES DE AFECTIVIDAD*

Iuri Pieroni de Lima¹ 

Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Resumo: Esta pesquisa tem como finalidade explorar e descrever aspectos da imigração brasileira para Santiago do Chile a partir da década de 1970 até a atualidade. Dentro das análises disponíveis sobre o fenômeno migratório, o recorte dado é com imigrantes que possuem laços parentais ou tenham relações afetivas estáveis com cidadãos chilenos. O objetivo é entender as características desse tipo de migração por meio do relato das experiências dos próprios sujeitos migrantes, na perspectiva de dar voz às suas problemáticas. São incorporados na análise também casos de descendentes de brasileiros que foram perseguidos e presos pela ditadura militar chilena. A pesquisa é qualitativa, com método bola de neve, com observação participante e entrevistas no modelo de relato de vida. No desenvolvimento teórico é apresentada revisão de literatura dos estudos migratórios abordando temas como identidades nacionais, feminização das migrações e discriminação racial.

Palavras-chave: Migrações Internacionais, Imigração Brasileira, Migração Sul-Sul, Migrações afetivas, Casamentos mistos.

Abstract: This research aims to explore and describe aspects of Brazilian immigration to Santiago de Chile from the 1970s up the present. Within the available analyzes on the migratory phenomenon, the focus of this research is on immigrants who have parental ties or have stable affective relationships with Chilean citizens. The objective is to understand the characteristics of this type of migration through the report of the

¹ Formado em Serviço Social, mestre em Ciências Sociais pelo Departamento de Estudos Latinoamericanos da Universidade de Brasília, doutorando da Universidade Nova de Lisboa. E-mail: juripieroni@gmail.com

experiences of the migrant subjects themselves, in the perspective of giving voice to their problems. The article also includes the cases of Brazilian descendants who were persecuted by the Chilean military dictatorship. The research is qualitative, with snowball technique, through participant observation and interviews in the life story model. The theoretical development was posed by reviewing the literature with migration studies on national identities, feminization of migrations and racial discrimination.

Key words: International migrations, Brazilian immigration, South-South migration, Affective migrations, Intermarriage.

Resumen: La investigación tiene como finalidad exponer y describir aspectos de la inmigración brasileña a Santiago de Chile desde la década de 1970 hasta la actualidad. Dentro de los análisis a los cuales se tiene acceso sobre el fenómeno migratorio, se utilizaron las estadísticas de inmigrantes que poseen lazos parentales o relaciones afectivas estables con ciudadanos chilenos. El objetivo es comprender las características de este tipo de migración por medio de relatos de experiencias de los propios migrantes, con la finalidad de darles voz a sus problemáticas. Además se incluyen casos de descendientes de los brasileños que fueron perseguidos y presos por la dictadura militar chilena. La investigación es cualitativa y abordada con el método bola de nieve, a través de observación participante y entrevistas en el modelo relato de vida. El desarrollo teórico fue planteado mediante la revisión de literatura con los estudios de migración acerca de las identidades nacionales, feminización de las migraciones y discriminación racial.

Palabras claves: Migraciones internacionales, Inmigración brasileña, Migración Sur-sur, Migraciones afectivas, Matrimonio mixto.

DOI:10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.168319

Recebido em: 29/03/2020

Aprovado em: 28/07/2020

Publicado em: 01/07/2020

1 Introdução

Este artigo foi formulado visando a divulgação da síntese da pesquisa de mestrado realizada sobre a imigração brasileira a Santiago do Chile. A pesquisa foi feita entre os anos de 2015 e 2017, com seis meses de trabalho de campo. O recorte dado a este artigo é realizado para dar visibilidade a uma das questões migratórias abordadas na pesquisa, relacionada a motivos de laços afetivos, em que o fator determinante para o ato de migrar sejam as relações amorosas ou parentais com cidadãos nacionais.

A partir das características do fenômeno migratório contemporâneo percebemos uma intensidade nas relações afetivas entre os imigrantes e as populações locais. O avanço nos meios de comunicação, a facilidade de mobilidade entre alguns países, a diminuição dos custos financeiros de transporte e a proximidade cultural são alguns dos motivos que tornaram as relações afetivas umas das principais causas migratórias atuais, em conjunto com as migrações laborais e as forçadas devido a contextos de violência.

Contudo, as razões do aumento desse tipo de migração não se limitam aos motivos acima mencionados. Há variáveis que possuem maior valor subjetivo entre as quais podemos destacar: expectativa por melhores condições de vida (segurança, educação, saúde), novas experiências, busca de independência financeira e pessoal, rearranjos familiares, questões amorosas, entre outras.

Nas últimas décadas, o Chile se tornou o principal pólo atrativo migratório da região latinoamericana. Entre os anos de 1990 e 2013, foi o país sul-americano que mais aumentou o número de imigrantes, alcançando 291.000 pedidos de residência temporal (Arriagada Luco, 2014). Segundo Carolina Stefoni (2011), essas migrações caracterizam um novo padrão migratório no país, trata-se de pessoas em busca de trabalho, provenientes de países vizinhos e se concentram na região metropolitana de Santiago. Entre outras características do fluxo migratório recente ao Chile se destacam: inserção segmentada ao mercado de trabalho, crescente diversificação dos países de origem, feminização da migração, e concentração em idade laboral (Stefoni, 2011).

Ainda que diferentes estudos sobre a imigração latino-americana ao país apontem que o principal fator gerador desses fluxos migratórios seja a busca de melhores condições financeiras, a migração por afetividade também tem importância enquanto fenômeno social, uma vez que perpassa por questões de desigualdade de poder, identidades nacionais, gênero e raça (Cano; Soffia, 2009; Stefoni, 2011; Arriagada Luco, 2014).

Especificamente sobre a imigração brasileira ao Chile e vice-versa verifica-se que historicamente o Brasil apresenta um maior número de imigrantes chilenos do que o Chile de brasileiros. Baeninger (2003) traz informações a partir dos dados do IMILA/CELADE (2000) que em 1960 o Brasil contava com 1,4 mil chilenos, subindo para 17,8 mil em 1980 e 20,4 mil na década seguinte. Desses dados, chama a atenção o pico de entradas de chilenos no Brasil durante as décadas de 70 e 80 concomitante ao período do regime militar; já no início dos anos 90, as entradas anuais decresceram. De acordo com o censo brasileiro de 2010, o número de chilenos residentes no Brasil foi de pouco mais de 15 mil indivíduos.

Em comparação a outros países da região é certo que Chile e Brasil não possuem um histórico migratório expressivo. Se analisarmos os dados oficiais de brasileiros no Chile (desconsiderando os indocumentados), de acordo com IMILA/CELADE, constam apenas 930 em 1970, subindo para 2.076 em 1982 e chegando a 4.610 em 1992. Segundo esse banco de dados, em 1990, dos 114.597 estrangeiros que viviam no Chile, 66.259 eram latino-americanos, e somente 4.610 brasileiros, o que representavam 6,96% do total latino-americano no país.

Na década seguinte, segundo o Anuário Estatístico de Migraciones en Chile 2005-2014 (DEM, 2016), a taxa percentual de brasileiro no país veio diminuindo durante esse período. Em 2005, esse grupo representava 3,8% dos imigrantes no país, caindo para 3,2% em 2010 e depois para 3,0% em 2014. Segundo o Anuário, a região que mais recebe esses imigrantes é a região metropolitana de Santiago, representando 61,5% dos recebimentos.

Em números absolutos, no ano de 2008, a quantidade de brasileiros no Chile, segundo dados do Consulado do Brasil em Santiago, foi de 9.200, subindo para 12.196 em 2015. O aumento de pouco mais de 3.000 segue a situação em outros países da região, na medida em que cresce também a quantidade de imigrantes brasileiros em países como a Colômbia, o Paraguai, a Bolívia e o Equador. Entre os países sul americanos, a quantidade de imigrantes brasileiros decaiu, principalmente, na Argentina e na Venezuela (MRE, 2016).

Apesar do cenário atual, entre as décadas de 1970 e 80, o Chile não se configurava como um país destino na região. Isso devido à crise econômica ocasionada, em parte, pela inserção de políticas neoliberais e pelos esforços em modernizar os setores produtivos durante os anos de regime militar. No campo político e social, as ações agressivas e autoritárias do regime militar também explicam a saída/expulsão de jovens insatisfeitos com os rumos do país. Com a transição ao regime democrático, a partir da década de 90, aumentam os fluxos migratórios ao Chile, acompanhado de crescimento econômico, fruto do investimento estrangeiro e do desenvolvimento nacional (Araújo; Legua; Ossandón, 2002; Cano; Soffia, 2009).

O Brasil, entre o período de 1969 a 1974, estava sob o comando do General Emílio Médici, considerado um dos períodos mais agressivos da ditadura militar no país, com aumento da perseguição política e violência. No início desse período o Chile era governado pelo presidente Salvador Allende, democraticamente eleito e de tendência humanitária, que oferece asilo político a parte dos brasileiros considerados dissidentes políticos pelo regime Médici, assim como a outros cidadãos latino-americanos que viviam realidades parecidas, a exemplo dos uruguaios. Com isso surge uma primeira onda de fluxo migratório brasileiro ao Chile, devido à situação política da região (Muñoz, 2010).

Com o golpe civil-militar de Augusto Pinochet no Chile, em setembro de 1973, muitos dos brasileiros que haviam recebido auxílio do governo de Allende são presos, perseguidos, torturados e deportados. Ao mesmo tempo, ocorre um aumento da imigração chilena ao Brasil, o que pode ser explicado pelas perseguições e exílios protagonizados pelos militares chilenos, como também a todo um conjunto de causas- sociais, econômicas, culturais - relacionadas a períodos autoritários e de tensão social. Esse panorama torna-se essencial para a criação de um elo de relações familiares que resultou na geração de descendentes binacionais entre esses dois países.

Ainda que os fatores econômicos sejam fundamentais para o entendimento dos fluxos migratórios de brasileiros ao Chile, a temática se direciona para os fatores sociais e a rede de interação afetiva (relacionamentos afetivos e familiares). Nesse recorte, um ponto fundamental é a abordagem das *redes migratórias*, explicadas aqui nas palavras de Douglas Massey et al. como:

O conjunto de relações interpessoais distribuída entre amigos, parentes e compatriotas dos migrantes ou daqueles que regressaram ao seu país de origem. Dentro dessas redes intercambiam informações, assistência financeira e acomodação, oportunidades de emprego, entre outros suportes. Fazendo isso, reduz-se o custo e a incertezas da migração (Massey et al., 2008, p. 48).

As redes migratórias são constituídas de diversas fontes, entre elas: familiares, relacionamentos afetivos, amigos e grupos presente nas redes virtuais (facebook, instagram, etc). Elas são diversas, constituídas tanto por núcleos familiares estáveis como momentâneos, com ou sem situação de matrimônio, com a presença de filhos ou não, e por diferentes níveis de parentesco (pai, mãe, tios/as, avós, etc), relações de amizade, entre outros.

É necessário entender esses vínculos como fatores que motivam a imigração e/ou como determinantes na decisão de permanecer ao país receptor. Nesse caso, a autora Janet Carsten utiliza-se do termo *relatedness* (Carsten, 2000) como oposição ao conceito de parentesco, tão presente na antropologia. O termo proposto por Carsten é mais amplo e melhor utilizado para estudar em perspectiva comparativa. Ao utilizar o conceito se propõe a estudar as concepções e percepções sobre os modos de estabelecer relações afetivas e de estar relacionado, possibilitando melhor comparação transcultural (Rivas, 2009).

Carsten argumenta que estar *relacionado* diverge consideravelmente dentro de cada contexto, a pensar, em comparativos nacionais. A forma de se relacionar possui como variante fatores culturais, logo a relação afetiva entre um casal chinês é substancialmente diferente da que ocorre entre um casal francês, e assim por diante (Carsten, 2000). Nesse sentido, as interações sociais dentro de um relacionamento afetivo

entre pessoas de países diferentes possuem características próprias. Um ponto fundamental é que as relações de poder apresentam-se potencialmente desiguais, por exemplo, pela questão da nacionalidade - aquele que estiver em seu país de origem terá, a priori, melhores condições estruturais. Entretanto, não apenas o fator nacionalidade deve ser destacado, fatores como gênero e classe social também atuam como variáveis de poder.

Outra forma de abordagem das relações afetivas através de conjunturas comparativas é definida pelo termo *intermarriage* que caracteriza o fenômeno de casamentos entre pessoas de realidades distintas, podendo ser de diferentes grupos raciais, classes sociais, religião ou países. O conceito mostra-se pertinente uma vez que os processos envolvidos nesse fenômeno têm relação com o debate de integração, pois ao se promoverem casamentos mistos binacionais geram-se maiores oportunidades de integração. Por esse motivo, “intermarriage tem sido argumentado por ser um dos mais importantes testes para determinar a estrutura societária e por expor as fronteiras sociais” (Rodríguez-García 2015, p.9).

Outra abordagem importante é relacionada ao enfoque sobre a imigração feminina. Mesmo que não se aborde diretamente o assunto da violência, muitos dos estudos migratórios internacionais que trazem a temática de gênero avançam no intuito de dar maior visibilidade e protagonismo ao coletivo imigrante feminino e a outros grupos invisibilizados, a exemplo dos LGBTs. Este viés tem sido abordado principalmente por estudiosas das teorias feministas, que percebem no campo um importante espaço de luta acadêmica e social no que diz respeito às especificidades de gênero nos fluxos migratórios, ou seja, das diferenças vivenciadas entre os imigrantes definidas pelo gênero. Em linhas gerais, a abordagem de teorias de gênero visa rever o tratamento dado ao gênero feminino como coadjuvantes no fenômeno migratório (Weinberg, 1992; Louro, 1995; Vicente, 1999 *apud* Alencar-Rodrigues et al., 2009).

Tais estudos buscam compreender os impactos das migrações por meio das experiências femininas, no que diz respeito ao universo de valores sociais provenientes de sua construção cultural no país de origem em relação à sociedade de acolhida. Sobre isso, Alencar-Rodrigues et al. (2009) analisam as dimensões do fenômeno da *aculturação*, em referência a suspensão da bagagem cultural de indivíduos em processo migratório devido a eventos desencadeados após o contato intercultural. (Berry, Poortinga, Segall & Dasen, 2003 *apud* Alencar-Rodrigues et al., 2009).

Faz-se necessário entender, que a categoria social *mulher imigrante* é elaborada a partir das estruturas de poder que esta mulher carrega em si – em seu caldo cultural - as quais lhe são impostas externamente. Dessa forma, ela reconhece essa identidade em relação a interação com o ambiente sócio-cultural e, dessas interações, aparecem conflitos em seus espaços familiares, sociais e laborais.

Nesse contexto, a identidade do sujeito migrante se torna objeto de análise pois é composta por múltiplas associações tais como: nacionalidade, gênero, classe social e raça. O espaço social de um indivíduo na sociedade contemporânea se baseia na combinação dessas construções identitárias, a depender de como elas são valorizadas por determinada sociedade. Quando se está fora do país de origem, a nacionalidade adquire maior relevância, algo que só ganha destaque pela oposição sujeito nacional / não nacional. Nesse sentido, o entendimento é de que a pessoa só aprende o que é “ser brasileiro” quando está fora do país (Margolis, 2008).

É significativo na literatura migratória o enfoque referente ao estranhamento relacionado aos aspectos culturais. Hein (2012) aborda em sua pesquisa a ideia de distância cultural como uma perspectiva de interpretação subjetiva do indivíduo. Isso quer dizer que, a percepção de pertencimento à sociedade receptora diz respeito à experiência individual do imigrante. A diferença cultural não é um fator objetivo que possa ser medida e comparada entre duas culturas nacionais, pois a percepção de distância cultural é própria da experiência individual, quando ocorre o

confronto entre elementos culturais familiares e estrangeiros. Esse aspecto pode levar a valorização da cultura de origem com consequente desprezo pela cultura receptora e vice-versa (Ward; Bochner; Furnham 2001, Hein 2006, Suanet; Van de Vijver 2009 apud. Hein 2012).

Em relação à metodologia da pesquisa, a etapa de observação participante mostrou-se essencial para entender como é a rotina dos brasileiros em Santiago. Essa técnica consiste na participação ativa do pesquisador com a comunidade em questão, “ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste” (Marconi; Lakatos, 2012:79). A ideia é que o pesquisador vivencie experiências das quais o coletivo participante também vivencie. É uma proposta de inclusão, de imersão do pesquisador no ambiente da comunidade investigada. Nessa pesquisa, devido à posição de pertencimento do pesquisador com o coletivo estudado, o processo ocorreu de forma *natural*².

Foram realizadas, ainda, entrevistas em profundidade com a utilização de relato oral, gravada e autorizada. Da totalidade de dezesseis entrevistas, doze foram utilizadas na produção deste estudo e quatro excluídas por terem como motivação migratória exclusivamente a questão laboral (Figura 1). Uma das entrevistadas apresentou como motivação tanto a questão laboral como a afetiva sendo por isso incluída neste estudo. Os participantes são majoritariamente do gênero feminino, com apenas um homem no grupo, inserido na categoria ‘fatores políticos’.

² Termo em oposição ao termo *artificial*, que segundo Marconi e Lakatos é quando o pesquisador tem que integrar em um grupo onde ele tem que obter informações externas a sua vivência pessoal (Marconi e Lakatos, 2012:79).

Figura 1 – Motivos para a imigração.

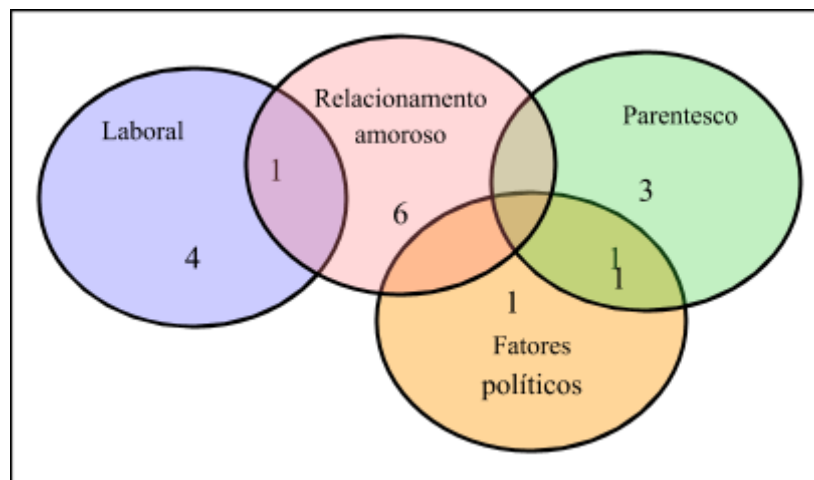


Figura feita pelo autor.

Os participantes foram selecionados pela técnica *Bola de Neve* ou *Snowball*, que consiste em um tipo de recrutamento em cadeia, em que após entrevistar um indivíduo, este indica algum de seus conhecidos que possuem o perfil da pesquisa, e assim sucessivamente (Baldin; Munhoz, 2011).

2 Desenvolvimento

No contexto migratório familiar, para referenciar os filhos binacionais entre brasileiros e chilenos, utilizamos o termo "*brachilenos*", termo cunhado por eles próprios, que diz respeito às pessoas que possuem linhagem familiar entre as duas nacionalidades. De fato, o termo faz mais referência aos casos em que esses sujeitos possuem traços culturais claros dos dois coletivos, que podem ser: fluência nos idiomas português ou espanhol; conhecimento de ambas as tradições culturais, musicais, danças, etc; famílias nos dois países, entre outros.

No geral, essa categoria é identificada como algo positivo, uma vez que os *brachilenos* possuem a documentação legal para residir no país, uma família que lhes asseguram maior estabilidade psicológica e material e transitam entre as duas culturas. Eles sentem orgulho dessa condição,

mesmo que constantemente reclamem de problemas de adaptação em ambos os países e de diferenças culturais incômodas. Em geral, suas redes migratórias são mais estáveis, mais firmes, o que ocasiona uma sensação de pertencimento àquele país.

Assim, mesmo que a relação familiar seja de fato um dos caminhos na promoção de uma maior integração ao país receptor, a identidade nacional para os filhos binacionais é citada como uma questão emotiva e geradora de algumas dificuldades. Passaremos a descrever os casos entrevistados:

Flora chegou em Santiago em 1997, filha de uma mãe brasileira com um pai chileno. Ela relata que veio à cidade devido à transferência de emprego de seu pai, quando ainda era adolescente. Segundo ela:

Acho incrível minha binacionalidade, aproveito ela muito, como estudei aqui no Chile e lá no Brasil tenho uma bagagem cultural muito rica e na verdade adoro ter o coração dividido, viver diferentes experiências, mesmo que isso seja doloroso em alguns momentos.

Rafaela, que chegou ao Chile na adolescência, se refere ao termo “*brachilena*” quando aborda sobre a sua identidade mista. O termo foi dito de forma espontânea, não tendo sido citado pelo pesquisador em nenhum momento da entrevista. De certa forma, o termo consegue dar significado ao seu sentimento de pertencer e não pertencer às duas culturas completamente, dando-lhe uma terceira identidade, com pontos distintos.

Nem todo mundo entende do jeito que a gente vê, e muitas vezes me acontece que eu não consigo compartilhar essas experiências porque ninguém tem a visão que eu tenho de ser brasileira e chilena. Às vezes compartilho coisas com amigos brasileiros e eles também não entendem direito mas não é que seja minha parte chilena, é minha parte *brachilena*, então às vezes você se sente meio que “ninguém entende as coisas da forma que eu entendo”

No caso de Rafaela, sua relação com os dois países perpassa pelo tema da ditadura militar. Ela conta que seu pai, brasileiro, foi inicialmente perseguido pela ditadura militar brasileira, motivo pelo qual se mudou para Santiago em 1972. Nesse mesmo ano conheceu sua futura esposa chilena

e, em 1973, com o golpe militar no Chile, ele vai preso no Estádio Nacional, em Santiago.

Semelhante ao caso de Rafaela é o de Raul. Sua avó, Anatailde Crêspo de Paula, chegou a Santiago em 1971, acompanhada de dois filhos, e vivia em uma casa na zona central da cidade. Trabalhava em uma fábrica de livros de tendência socialista, que mais tarde se tornaria conhecida por ter sido um importante local de produção e divulgação de materiais políticos. Anatailde é presa assim que o golpe é instaurado, em setembro de 1973. Seus filhos e sua mãe conseguem chegar até a embaixada da Suécia – na época um refúgio para os dissidentes políticos. É levada em um ônibus, junto com outras pessoas, para o Estádio Nacional sem direito a nenhuma informação sobre o que estava ocorrendo e nenhum contato externo. No cárcere, é interrogada por soldados do exército brasileiro demonstrando cooperação entre os regimes militares, parte da estratégia de tortura psicológica, em que foram feitas diversas ameaças de morte, inclusive com simulação de fuzilamento. Ao final, consegue um visto de retirada do país junto ao embaixador da Suécia. Seu neto Raul vive atualmente em Santiago devido a uma bolsa para cursar a universidade chilena, direito adquirido aos parentes dos perseguidos políticos do regime Pinochet. Além disso a história familiar envolvida com o Chile lhe trouxe motivação pessoal.

Há também situações onde o envolvimento com a ditadura é mais sutil, como conta Francisca sobre seu pai chileno, oficial da marinha que durante os anos 80 desembarcou no Rio de Janeiro desertando do cargo. Perguntado a Francisca se a ditadura foi o motivo de seu pai não voltar ao Chile, ela respondeu: “não sei porque ele não voltou, eu sei que ele ligou para minha vó pedindo roupas e dinheiro porque do Rio [de Janeiro] não saíria mais”.

Em busca de indícios para a reconstrução histórica do fluxo migratório brasileiro na sociedade chilena, a brasileira Sandra fornece um relato oral sobre sua percepção desde que foi morar em Santiago, em 1994. Segundo Sandra, houve três ondas diferentes de imigração brasileira ao

país. Inicialmente havia o grupo de “*madames diplomáticas*”, mulheres ricas casadas com políticos ou gente do corpo diplomático, que possuíam prestígio social e influência local. Sandra afirma haver proximidade entre elas com a realização de eventos sociais, entre eles um chamado ‘Aquarela do Brasil’, que era basicamente um ‘chá das brasileiras’ voltado para o recebimento das conterrâneas que chegavam na cidade, assim como para fornecer apoio. E completa: ‘nesse grupo muita gente me ajudou’.

Na visão de Sandra, o segundo fluxo foi parecido, mas desta vez composto por mulheres casadas com empresários, que também possuíam dinheiro e um alto status social. O terceiro movimento ocorreu em torno do ano de 2005 devido ao interesse no movimento cultural ‘axé’. Para ela, foi quando se popularizou o fluxo, isso é, pessoas de baixo poder aquisitivo chegaram ao país. Citou como exemplo a vinda de nordestinos que vendiam redes na rua. Criou-se, assim, uma segmentação entre os brasileiros ricos, de posições políticas de direita, e pessoas populares.

De fato, no final dos anos 90, o estilo ‘axé’ de música brasileira ficou popularizados no Chile e ganhou forte repercussão nacional. Desde então, muitos brasileiros ganham seu sustento econômico através de manifestações da cultura brasileira. O que é valorizado é uma cultura brasileira padrão, com estereótipos marcados. Os brasileiros entrevistados relataram conhecimento sobre uma identidade nacional “forjada”, e muitos se reconhecem nela, e mesmo entre aqueles que não se reconhecem, a priori, afirmam não hesitar em utilizá-la como estratégia consciente para usufruto dos benefícios provenientes dessa imagem.

Uma dessas pessoas é Tássia, brasileira de Pernambuco, que conheceu seu atual marido chileno em turismo no Brasil e migrou para Santiago. Vive na cidade desde 2004 e diz que seu primeiro trabalho foi como dona de uma loja financiada pelo seu marido. Contudo, a loja não deu certo e ela, que já era dançarina profissional no Brasil, começa a trabalhar como dançarina de samba. Quando perguntada sobre o interesse do público chileno em relação à cultura brasileira, relata: “graças a Deus fui sempre muito bem aceita, agora nem tanto, devido à crise, não

sei, a economia tá um pouco mais baixa de show, mas antes eu trabalhava todos os dias. Trabalho para todo mundo, para quem me contratasse, a grande massa chilena, casamento chileno, graduação dos *niños*, todos os lugares que me agendavam eu ia. Eu ia para sambar, fazer show, animar, carnaval. Vai junto os batuqueiros e as baianas”.

As características do fluxo migratório de mulheres brasileiras de alto poder aquisitivo a Santiago, seguido por outro fluxo incentivado pelo *axé music*, proveniente principalmente da região nordestina brasileira e associado a um baixo status social, sugerem a formação de diferentes segmentos do mesmo fenômeno migratório, separados por aspectos econômico, políticos, regionais e culturais. Desta forma, a nacionalidade brasileira por si só não é um fator aglutinador, pois há outros condicionantes entendidos como símbolos de distinção social que levam à segregação. Ao compararmos o fluxo de mulheres ricas casadas com chilenos ou devido à transferência profissional de seus cônjuges com o fluxo popular, o processo de segregação se torna mais claro. É sugerido pela entrevistada que, com a popularização e intensidade da imigração brasileira ao Chile, os grupos e redes se tornam mais seletivos e individualistas.

Os aspectos da vulnerabilidade feminina em contexto migratório permeiam o ambiente familiar, social e laboral da mulher, gerando situações em que se pode observar processos de aculturação, quando a bagagem cultural e pessoal acumulada ao longo da vida no Brasil deixa de ser relevante ou é menosprezada pelas pessoas do seu convívio. Esse fenômeno mostra que o *casamento misto* possui outras dimensões para além do discurso da integração, ou mesmo uma integração parcial.

Sobre o tema, a entrevistada Sandra conta que foi a Santiago para fazer um curso, onde conheceu seu atual marido chileno, se mudou para a cidade e teve dois filhos. Quando questionada sobre a proximidade destes com o Brasil, ela afirmou ser pouca. Seu marido não fala português e não tem interesse em aprender. Seus filhos também não falam português, e segundo afirma “posso obrigá-los a escutar português, mas não posso

obrigá-los a falar”. Disse não haver interesse de seus filhos pela cultura brasileira, e em suas palavras: “às vezes acho que eles prefeririam ter uma mãe chilena”.

Dos relatos das entrevistadas, depreende-se que a desigualdade de poder dentro de uma relação afetiva envolvendo casamentos mistos está na dificuldade que a mulher sente em participar com sua cultura e seu idioma no âmbito do espaço familiar. Tratamos como uma integração parcial, da qual a mulher mesmo galgando espaços dentro da sociedade receptora não se sente integrada em posição de igualdade em seu espaço de convívio íntimo.

Segundo Janaína, paulista que mora em Santiago com seu esposo chileno, no ambiente laboral a condição de mulher imigrante é fator de conflitos. Conta que um dia, em seu trabalho, necessitou ir a um bairro periférico para realizar uma entrevista com um líder comunitário. Ao chegar ao local sentiu-se insegura devido à condição precária do bairro e diz ter se sentido coagida pelo entrevistado, por isso não concluiu o serviço e voltou antes do previsto para a empresa onde trabalha. A equipe de trabalho e o chefe a repreenderam e Janaína diz temer pela sua demissão. Conta que sua vida profissional sofreu grande impacto depois dessa situação, pois passaram a considerá-la uma pessoa fraca, deixaram de solicitar trabalhos externos e passou a ser alvo constante de piadas e comentários envolvendo sua condição de mulher e imigrante. Janaína diz entender que algo dessa natureza poderia ocorrer a qualquer pessoa que efetue esse tipo de trabalho, e que é dever da empresa garantir a segurança de seus funcionários.

Em casos como esse há uma associação de aspectos de gênero e nacionalidade para justificar uma suposta falta na atividade profissional. Devido à sua posição como mulher imigrante podemos inferir uma dupla condição associada à sensação de insegurança, e o porquê de seus companheiros de trabalho não assegurarem legitimidade em sua ação e discurso. Em sua percepção, estava vulnerável em um bairro desconhecido e periférico e isso a colocava em uma situação de perigo em potencial, mas

as pessoas de seu trabalho não vivenciam socialmente esses mesmos medos, e tampouco lhe conferem relevância. Assim, a condição de imigrante e de gênero começa a ser vista pela empresa como uma desvantagem para exercer determinado cargo profissional.

Nesse contexto, há casos de denúncias de mulheres que migram com a expectativa de melhoria de sua qualidade de vida mas que podem vir a ser violentadas física e psicologicamente. Na ausência de apoio familiar e de uma rede solidária, algumas mulheres passam por graves problemas pessoais. Em 2015, chamou a atenção o caso de uma brasileira nacionalizada chilena, Elvira Maria Rodriguez López, assassinada pelo namorado chileno Américo Javier Cisternas León depois de uma discussão³. O caso foi enquadrado pelas autoridades chilenas como crime de feminicídio.

Em entrevista, um funcionário do consulado brasileiro em Santiago afirmou ter conhecimento de casos em que mulheres brasileiras são vítimas de violência doméstica, mas a recomendação é que elas busquem apoio entre as próprias instituições chilenas. O funcionário ressaltou que o Consulado oferece serviço de apoio jurídico e social aos brasileiros de forma gratuita. Entre esses casos, diz que o mais comum é de mulheres que estão preocupadas com seus filhos, já que, sem autorização de ambos (pai e mãe), os menores não podem deixar o país.

Michele, uma brasileira que conheceu seu marido fazendo doutorado na Espanha, após o término dos estudos decidiu morar com ele no Chile e tiveram dois filhos. Depois de alguns anos, se separaram. Desabafa: “sinto muita saudades do Brasil, queria muito voltar a morar lá, porém me sinto uma exilada, não posso voltar a morar no Brasil”. Quando perguntado o motivo, afirmou: “meu ex-marido jamais me daria permissão para levar meus filhos, e não vou a lugar algum sem eles”.

³ Informação publicada em 22/07/2015 no jornal chileno “Cooperativa” sob o título “PDI detuvo a presunto autor del quinto femicidio de 2015”. Disponível em <http://www.cooperativa.cl/noticias/pais/policial/femicidio/pdi-detuvo-a-presunto-autor-del-quinto-femicidio-de-2015/2015-02-07/110639.html>

Conforme legislação internacional - Convenção de Haya - menores de idade só podem sair do país com autorização de ambos os pais, caso contrário, podem ser enquadrados por tráfico internacional de menores. A Secretaria de Políticas para as Mulheres no Brasil tem atuado na tentativa de assegurar que mulheres em perigo ou em situações de violação de seus direitos em outros países possam conseguir permissões de volta para o Brasil acompanhadas de seus descendentes.

O apoio para o imigrante pode vir dos espaços de convívio entre os próprios brasileiros, com a formação de grupos e redes que servem para troca de experiências, indicação em vagas de trabalho, suporte emocional, etc. Esses espaços podem ser locais como bares e restaurantes, associações políticas (brasileiros de esquerda no Chile), espaços de dança como capoeira, ou mesmo por grupos na internet (facebook, instagram). Essas redes entretanto não são isentas de conflitos, e encontrar os conterrâneos pode ser o meio mais comum de socialização entre os imigrantes, mas também é fator de embates. O valor desses encontros e desses locais para a comunidade brasileira é, no geral, visto como algo positivo e todas as participantes da pesquisa, em alguma medida, usufruem desses espaços. Relataram em diversos momentos o sentimento de saudades do Brasil e do modo de vida do povo brasileiro, mesmo que acompanhado por críticas.

Reencontrei pessoas da minha própria região e conheci gente de outras partes do Brasil. Isso me ajudou a diminuir um pouco o saudosismo pátrio. Claro que nem tudo foi flores, já tive mais problemas com compatriotas aqui em Santiago que com os próprios chilenos. Verdade seja dita (Ana, brasileira, 35 anos).

No tocante à discriminação sofrida por brasileiras em Santiago, as reclamações seguem relativas ao assédio e a ofensivas raciais. A exotização da brasileira é considerada uma inconveniência e é destacada pelas entrevistadas do gênero feminino. Isso ocorre principalmente porque a sexualização é vista por elas como algo perigoso e agressivo, representando um risco para sua segurança. Muitas relatam o assédio

como o principal problema no Chile e alegam que o estereótipo da brasileira sexualizada intensifica esse fator.

Sofia, mulher negra que chegou ao Chile em 2010, denunciou o racismo sofrido por ela e diz que, em vários momentos, se depara com situações constrangedoras e agressivas. Relata algumas de suas experiências: um grupo de mulheres que reclamam próximo a ela da “invasão imigrante”; de um senhor que manda beijos em um vagão do metrô enquanto ela volta para casa; ou de um funcionário do governo que, quando solicitado para realizar um trâmite burocrático, insere no atendimento uma série de obstáculos adicionais para efetuar o serviço, reclamando constantemente do aumento dos imigrantes latino-americanos no Chile. Afirma que existe um recorte racial forte, uma vez que ela não ouve as mesmas experiências de companheiras imigrantes de pele branca.

Um último tema a ser abordado refere-se aos fatores sociais e é desenvolvido em perspectiva comparativa, em que a identificação brasileira surge em contraponto, na maioria das vezes positivo, aos costumes e cultura da sociedade chilena. Ellen, nascida no Chile, filha de mãe brasileira e pai chileno, relata que do lado materno foi criada dentro da cultura brasileira, na qual considera haver uma mentalidade mais aberta em comparação à cultura chilena, como sendo mais reclusa. Afirma que, sua principal proximidade com a cultura brasileira se deu através da música, e diz conseguir identificar e transitar entre as duas culturas (brasileira e chilena), pois para ela os aspectos das duas são muito distintos.

Para a entrevistada, a identidade nacional é pontuada em questões comportamentais - asseio, simpatia, desinibição - mais do que a aspectos físicos. Esses pontos foram considerados como parte da identidade brasileira, fazendo contraponto ao oposto, dos quais seriam da identidade chilena - pouco cuidado com a estética, antipatia, conservadorismo. Uma outra entrevistada, Francisca, que possui família paterna chilena, completa que sua identidade chilena seria “seu lado chatinho” e que “se eu não tivesse vínculo jamais viria morar no Chile”.

3 Conclusão

Nesse artigo, foi apresentado em síntese o resultado da pesquisa de campo sobre imigração brasileira em Santiago do Chile. De acordo com o recorte proposto - laços parentais e relacionamentos afetivos - foram coletados relatos de experiências pessoais que mapeiam as diferentes formas de inserção e percepção próprias do coletivo brasileiro dentro da sociedade chilena.

Sobre o fluxo migratório afetivo brasileiro percebemos uma situação em que o fenômeno é majoritariamente feminino e uma característica desse fluxo está nas migrações femininas em contexto conjugal com nacionais chilenos, assim como da transitoriedade dos filhos de relacionamentos binacionais. Esse dado de pesquisa corrobora com o protagonismo das mulheres sul americanas no fluxo migratório a Santiago do Chile, além disso traz a possibilidade de dar voz a suas histórias, muitas vezes relacionadas ao cotidiano de outras mulheres imigrantes.

Como resultado do trabalho descritivo fornecido em complemento com as análises e as teorias abordadas, concluímos que a afetividade dentro do processo migratório é uma importante categoria de análise, assim como são importantes as relações afetivas na experiência migratória coletiva. Por exemplo, os participantes brasileiros que foram entrevistados que alegaram estar no país principalmente por questões laborais relataram maior insatisfação pessoal com o país do que aqueles que possuíam vínculos afetivos e familiares com cidadãos chilenos.

Tanto os elogios como as críticas foram feitas muitas vezes em caráter comparativo com a sociedade chilena, sendo os principais temas destacados a segurança, os relacionamentos pessoais e os aspectos culturais de cada sociedade.

A relevância da relação histórico política do período de ditadura militar de Augusto Pinochet e da ditadura militar brasileira foi encontrada

durante o trabalho de campo, sendo reconhecida como um fator importante da trajetória migratória entre os dois países. Nesses casos, os relatos se misturam com fatores afetivos, seja de parentesco, como de relacionamentos amorosos, o que justifica o escopo da pesquisa.

Como pesquisa futura, vejo relevante abordar o “dilema do retorno” (Espinosa, 1998). Isso porque muitos brasileiros relataram dificuldades, econômicas e psicológicas, para se manter em Santiago, e pouco interesse em continuar por mais tempo no país. Nesse ponto, a fala de um funcionário do Consulado brasileiro entrevistado em Santiago relata que o nível de rotatividade entre os brasileiros no Chile é alto, e que a média de tempo de permanência é de quatro a cinco anos o que, comparado a outros países, é considerado baixo. Uma possível explicação é a percepção dos brasileiros no que diz respeito à má qualidade das políticas trabalhistas e previdenciárias, tornando o Chile um país pouco seguro em caráter de qualidade de vida a longo prazo.

4 REFERÊNCIAS

Alencar-Rodrigues, Roberta; Neves Strey, Marlene; Cantera Espinosa, Leonor. **Marcas do gênero nas migrações internacionais das mulheres.** *Psicologia&Sociedade*; 21 (3): 421-430, 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822009000300016>. Acesso em 24 jun. 2020.

Araujo, Katia; Legua, María Claudia; Ossandón, Loreto. (2002). **Migrantes andinas en Chile:** el caso de la migración peruana, Fundación Instituto de la Mujer, Santiago de Chile, 2002.

Arriagada Luco, Camilo. **Inmigrantes internacionales. Emprendimientos en barrios comerciales de Iquique, Gran Valparaíso y Gran Santiago.** Camilo Arriagada Luco (Org.), Nelson Carroza y Rubén Kaztman. Ceibo Ediciones. Universidad de Chile, Santiago de Chile, 2014.

Baldin, Nelma; Munhoz, Elzira. **Educação ambiental comunitária: uma experiência com a técnica de pesquisa snowball (bola de neve).** *Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.* ISSN 1517-1256, v. 27, julho a dezembro de 2011. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3193/1855>. Acesso em 24 jun. 2020.

Baeninger, Rosana. **Migração Internacional na América Latina: o caso dos brasileiros**. In.: Políticas Migratórias: fronteiras dos direitos humanos no século XXI. Org. Carlos Eduardo de Abreu Boucault; Teresa Malatian. Rio de Janeiro: Renovar, 2003. Disponível em: <https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/BRMundo/pt-br/file/Rosana%20Baeninger.pdf>. Acesso em 24 jun. 2020.

Berry, John; Poortinga, Ype; Segall, Marshall; Dasen, Pierre. **Crosscultural psychology: Research and applications**. New York: Cambridge University Press, 2003.

Cano, Verónica; Soffia, Magdalena. **Los estudios sobre migración internacional en Chile: apuntes y comentarios para una agenda de investigación actualizada**. Pap. Poblac. vol.15 no.61 Toluca jul./sep. 2009. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-74252009000300007. Acesso em 24 jun. 2020

Carsten, Janet. **Culture of relatedness, new approaches to the study of Kinship**. University of Edinburgh. Cambridge University press, 2000.

CELADE (Centro Latinoamericano e Caribeño de Demografía). **Migración Internacional en América Latina, IMILA**. Boletín Demográfico, CELADE, nº65, CEPAL, Santiago de Chile, Janeiro, 2000. Disponível em: <https://www.cepal.org/pt-br/node/35329>. Acesso em 24 jun. 2020.

DEM (Departamento de Extranjería y Migración del Ministerio del Interior y Seguridad Pública). **Anuário Estadístico Migratório 2005 - 2014**. Gobierno de Chile, Santiago, 2016 [en línea]. Disponível em: www.extranjeria.gob.cl. Acesso em 24 jun. 2020.

Espinosa, Víctor. **El dilema del retorno: migración género y pertenencia en un contexto transnacional**. Zamora, Mich. El Colegio de Michoacán, México, 1998.

Hein, Kerstin. **Migración y Transición: hijos de inmigrantes de origen latinoamericano en su transición de la escuela al trabajo en Chile**. Si Somos Americanos vol.12 no.1 Santiago jun. 2012. Universidad de Santiago de Chile, Santiago, Chile. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4067/S0719-09482012000100005>. Acesso em 24 jun. 2020.

Hein, Kerstin. **Hybride Identitäten. Bastelbiografien im Spannungsverhältnis zwischen Lateinamerika und Europa**. Bielefeld: transcript. 2006. Disponível em: <https://www.transcript-verlag.de/978-3-89942-447-8/hybride-identitaeten/>. Acesso em 24 jun. 2020.

Louro, Guacira. **Gênero, história e educação: construção e desconstrução**. Educação & Realidade, 20(2), 101-132, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71722>. Acesso em 24 jun. 2020.

Massey, Douglas; Arango, Joaquín.; Graeme, Hugo; Kouaouci, Ali.; Pellegrino, Adela; Taylor, Edward J. **Teorías de migración internacional: una revisión y aproximación**. ReDCE, nº 10, Julio-Diciembre de 2008, 435-478. Disponível em: <http://www.derechoshumanos.unlp.edu.ar/assets/files/documentos/teorias-de-migracion-internacional-una-revision-y-aproximacion.pdf>. Acesso em 24 jun. 2020.

Marconi, Marina de Andrade; Lakatos, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2012.

Margolis, Maxine L. **Brasileiros no estrangeiro: a etnicidade, a auto-identidade e o "outro"**. Rev. de Antropologia. Vol. 51 Nº 1, jan-jun 2008, 283-302. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-77012008000100011>. Acesso em 24 jun. 2020.

MRE (Ministério de Relações Exteriores). **Estimativas populacionais das comunidades brasileiras no Mundo - 2015**. 2016. Disponível em: <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-s-populacionais-das-comunidades/Estimativas%20RCN%202015%20-%20Atualizado.pdf>. Acesso em 24 jun. 2020.

Muñoz, Heraldo. **A sombra do ditador: memórias políticas do Chile sob Pinochet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

Rivas, Ana M^a Rivas. **Pluriparentalidades y parentescos electivos. Presentación del volumen monográfico**. Revista de Antropología Social. Universidad Complutense de Madrid, 2009. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/RASO/article/view/RASO0909110007A>. Acesso em 24 jun. 2020.

Rodríguez-García, Dan. **Intermarriage and Integration Revisited: International Experiences and Cross-Disciplinary Approaches**. The Annals of the American Academy of Political and Social Science 662(1):8-36, November 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/282946744_Intermarriage_and_Integration_Revisited_International_Experiences_and_Cross-disciplinary_Approaches. Acesso em 24 jun. 2020.

Stefoni, Carolina. **Perfil migratorio en Chile**. Organización Internacional para las Migraciones, OIM. Oficina regional para America del Sur. Buenos Aires, Argentina, 2011. Disponível em: <https://red-iam.org/sites/default/files/2018-11/Perfil%20Migratorio%20Chile.pdf>. Acesso em 24 jun. 2020.

Suanet, Irina; Fons, Van de Vijver. **Perceived cultural distance and acculturation among exchange students in Russia**. Journal of Community & Applied Social Psychology 19:182-197, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/casp.989>. Acesso em 24 jun. 2020.

Vicente, Ana. **As mulheres nos mundos de hoje**. In H. Holanda & M. Capelato (Orgs.), *Relações de gênero e diversidades culturais nas Américas*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: Edusp, 2000.

Ward, Colleen; Stephen Bochner; Adrian Furnham. **The Psychology of Culture Shock**. East Sussex, Philadelphia, New York: Routledge. 2001.

Weinberg, Sydney Stahl. **The treatment of women in immigration history: A call for change**. In D. Gabaccia (Ed.), *Seeking common ground: Multidisciplinary studies of immigrant women in the United States* (pp. 3-22). Westport, CT: Praeger. 1992.